



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES/ICHCA
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

VINÍCIUS BRAGA PEREIRA

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO POPULAR: A PROPOSTA
POLÍTICA DA ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE

Maceió/AL
2023

Vinícius Braga Pereira

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO POPULAR: A PROPOSTA
POLÍTICA DA ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE

Monografia apresentada ao curso de
Relações Públicas da Universidade Federal
de Alagoas como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Lucia Lima da
Silva Correia

Maceió/AL
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R163p Pereira, Vinícius Braga.
 Comunicação, educação e mobilização popular : a proposta política da Escola Nacional Paulo Freire / Vinícius Braga Pereira. - 2023.
 62 f. : il. color.

 Orientadora: Rosa Lucia Lima da Silva Correia.
 Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso em Relações Públicas) –
 Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências, História, Comunicação e Artes.
 Maceió, 2023.

 Bibliografia: f. 57-62.

 1. Movimentos sociais. 2. Formação política. 3. Comunicação comunitária. I.
 Título.

CDU: 659.4:316

Folha de Aprovação

Vinícius Braga Pereira

Comunicação, Educação e Mobilização popular: A proposta política da Escola Nacional Paulo Freire, trabalho de conclusão de curso em Relações Públicas, da Universidade Federal de Alagoas.

Monografia apresentada ao curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Data de aprovação: 06 de novembro, 2023

Banca Examinadora

Prof.a Dr.a Rosa Lucia Lima da Silva Correia
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus A. C. Simões
Orientadora

Prof.a Dr.a Dra. Laura Nayara Pimenta
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus A. C. Simões
Examinadora

Ma. Fernanda Targa Messias
Universidade Estadual de Londrina
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para chegar até aqui.

Aos meus pais, que me apoiaram incondicionalmente em cada passo dado nessa jornada. Eu sou a continuação dos sonhos de vocês e esse trabalho é para agradecer cada sacrifício e paciência. Cada conquista alcançada será sempre uma vitória da nossa família. Amo vocês.

Aos meus avós, Amaro, Maria Ester (In Memoriam) e Maria Luiza (In memoriam). Obrigado pelo carinho que me deram. Eu consegui, voinha! Eu consegui.

À Giovanna, minha companheira, por não ter me deixado desistir nos dias mais difíceis da minha vida. Obrigado por construir esse capítulo da vida comigo e por ter me feito enxergar soluções nas dificuldades e felicidade na tristeza. Sem você jamais seria possível.

À Déborah e Mariana. Obrigado por serem as irmãs que eu nunca tive.

Ao Roberto, que abdicou de jogar inúmeras vezes para que esse trabalho pudesse ser concluído.

À Bianca, Érica, Jadyson, Laura, Lucas, Luiz Filipe, Lysanne, Matheus, Max, Beatriz, Mirian, Natalia, Nicole, Pedro, Rhayller, Tyson, Thayná e vários outros. Obrigado por serem os amigos mais leais e amorosos, por nunca terem me deixado surtar e por nunca terem desistido.

À Aline, David, Débora, Ednete, Ezequiel, Flávia, Gabi, Gheidlla, Lauro, Léo, Luiz, Luiza, Manoela, Nina, Shafik, Rafinha, Raquel, Thays e Vera. Às várias risadas e inúmeros momentos especiais compartilhados na escola. Esse trabalho é sobre a gente e o sonho que sonhamos coletivamente.

À Amanda, Emilly, Frodu, Geovani, Lorena, Lucila, Mariana, Remus, Xu. Vocês são a família que o Levante me deu.

À minha orientadora, Rosa Lúcia, que por vezes, acreditou mais no potencial do meu trabalho do que eu mesmo. Você seguirá sendo uma referência para mim.

Ao COS, seus professores, estudantes, a Tia Jô e a pracinha que me proporcionaram as melhores lembranças da graduação.

À Bahia, Gabriel, Isabela, Maísa, Marcel, Otávio, Nathaly e Viviane. A Ufal não teria sido a mesma sem as conversas em torno da mesa do Cetec.

À Aline, Amanda e Juliana, que me aguentaram de mau humor perambulando pela casa. Obrigado pelo carinho e paciência.

À Maysa, minha psicóloga, que me ajudou a respirar fundo e ter tranquilidade para encarar os momentos em que me encontrei dificuldade em sair do lugar.

Ao Levante Popular da Juventude, que me ensinou sobre a vida, me fez sonhar com um mundo melhor, mais justo e me ensinou sobre ser em coletivo e que a juventude tem voz e poder de transformação. Essa organização existirá até que o último jovem deste país tenha direito a uma vida digna. Vida longa ao Levante!

Aos presidentes Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, que sonharam um país para todos e que me possibilitaram ser a primeira pessoa da minha família a me graduar numa universidade pública e de qualidade.

A todos que de alguma forma acreditaram em mim, me incentivaram e me ajudaram a chegar até aqui. Não consegui lembrar de todos os nomes por que escrevi esses agradecimentos na madrugada enquanto chorava. Tenho muito amor por vocês todos.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por ter me tratado com carinho e ter se mantido firme, acreditando e não tendo desistido do sonho. Sou uma outra pessoa ao encerrar esse capítulo.

*“Eu me alegraria se afinal morresse
Esse sistema que nos causa tanto trauma”.*
(Chico César)

RESUMO

A Escola Nacional Paulo Freire é um espaço de formação política, técnica e cultural que funciona no município de São Paulo desde 2019 e é administrado e gerido por movimentos sociais e populares, com o intuito de que se mantenham sempre na luta e construindo narrativas em torno de seu projeto político. É nesta perspectiva que esta investigação pretende apresentar a instituição como uma escola-modelo de educação popular e de formação de intelectuais orgânicos, que utiliza a comunicação na perspectiva freireana como atributo pedagógico. Para tanto, este estudo de caso, com base em uma pesquisa exploratória e descritiva, valeu-se das técnicas da observação e da pesquisa participante para estudar as ações educativas, de solidariedade (Campanha Periferia Viva) e as ações de comunicação popular que envolvem a construção dessa instituição. Discussões a respeito do que são movimentos sociais, educação popular e a contribuição de Paulo Freire para a mobilização popular e para a comunicação foram fundamentais. O estudo de caso, apesar das limitações, demonstra perspectivas promissoras na conscientização política.

Palavras-chaves: Movimentos Sociais; Formação Política; Comunicação Comunitária

ABSTRACT

The Paulo Freire National School is a space for political, technical, and cultural training that has been operating in the municipality of São Paulo since 2019. It is administered and managed by social and popular movements with the aim of staying constantly engaged in the struggle and building narratives around its political project. It is from this perspective that this research aims to present the institution as a model school for popular education and the formation of organic intellectuals, which uses communication from a Freirean perspective as a pedagogical attribute. To do so, this case study, based on exploratory and descriptive research, employed observation and participant research techniques to study the educational actions, solidarity efforts (Periferia Viva Campaign), and popular communication activities that are part of the construction of this institution. Discussions regarding what social movements are, popular education, and the contribution of Paulo Freire to popular mobilization and communication were crucial. Despite its limitations, the case study demonstrates promising prospects in political awareness.

Keywords: Social Movements; Political Formation; Community Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição de alimentos da campanha de solidariedade periferia viva, na enpf.....	39
Figura 2 - Agente popular de Saúde.....	40
Figura 3 - Agentes populares de alimentação (Na foto, Angelita e Vera).....	40
Figura 4 - Jornal Periferia Viva.....	42
Figura 5 - Registro da última edição do jornal.....	43
Figura 6 - Matéria extraída do site Brasil de Fato sobre o jornal periferia viva.....	45
Figura 7 - Card de divulgação do curso.....	46
Figura 8 - Aula prática de audiovisual.....	47
Figura 9 - Alunas do curso registrando distribuição de alimentos no bairro Jardim São Savério.....	48
Figura 10 - Formatura de encerramento do curso.....	49
Figura 11 - Card com dicas de leitura sobre a obra de Gramsci.....	51
Figura 12 - Card com explicação sobre o Quebra de Xangô.....	51
Figura 13 - Card da série Perfil sobre Marialice Foracchi.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1. MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL... 16	16
1.1 BREVE APANHADO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL.....	16
1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E LUTA PELA EDUCAÇÃO.....	19
1.3 A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A MOBILIZAÇÃO SOCIAL.....	20
1.4 EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO POLÍTICA DAS MASSAS.....	21
CAPÍTULO 2. COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL	24
2.1 A COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA.....	24
2.2 A COMUNICAÇÃO COMO EXERCÍCIO DE UM DIREITO.....	28
2.3 A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE.....	29
CAPÍTULO 3. A ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE: ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA, TÉCNICA E CULTURAL PARA A JUVENTUDE E PARA OS TRABALHADORES	31
3.1 A HISTÓRIA E O LUGAR.....	32
3.2 A COMUNIDADE DA ENPF.....	35
3.3 A CAMPANHA PERIFERIA VIVA.....	37
3.3.1 Jornal Periferia Viva.....	41
3.4 O CURSO DE COMUNICAÇÃO POPULAR.....	45
3.5 BREVE ANÁLISE DAS INICIATIVAS PEDAGÓGICAS E COMUNICACIONAIS DA ENPF NO INSTAGRAM.....	50
CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

O avanço do capitalismo na sociedade brasileira, junto ao avanço das tecnologias digitais nos meios de produção da comunicação, tem colocado um enorme desafio aos movimentos sociais no Brasil: adentrar no mundo da internet e das redes sociais para fortalecer sua forma de fazer comunicação, dialogando com a sociedade a respeito de suas ideias, utilizando-se de recursos reduzidos se comparado aos setores do mercado financeiro, latifundiário, político e corporativista.

A disputa de narrativas na sociedade apresenta-se cada vez mais acirrada. Diante de tanta informação difundida nas mídias sociais, é fundamental que movimentos sociais e demais organizações da sociedade civil se mantenham na luta e construindo narrativas em torno de seu projeto político. Sendo assim, devido aos grandes desafios, as organizações vêm buscando a profissionalização nas suas formas de fazer comunicação para conseguir externalizar suas ações, dialogar com uma maior parcela da sociedade e construir ações de comunicação que sejam informativas, pedagógicas e participativas.

Com base na participação ativa dentro de movimentos sociais, contribuindo principalmente com a comunicação, tive contato com a experiência da Escola Nacional Paulo Freire, uma escola de formação política, técnica e cultural, criado e gestado pelo movimento social Levante Popular da Juventude com o auxílio do MST, para munir pessoas, militantes do movimento ou não, de conhecimento político a respeito de temas julgados pelo movimento como essenciais para o despertar da consciência crítica e também para realização da luta política.

Através de reflexão feita nos espaços de discussão dos movimentos e dentro da universidade, percebi que é um problema a ausência de espaços vinculados aos movimentos sociais que cumpram o papel de laboratório de educação popular¹, assim como a falta de sistematização sobre os espaços existentes. A inquietação com a problemática também me fez refletir: Quais as limitações e as potencialidades

¹A Educação Popular como práxis social é compreendida como aquela que não está institucionalizada, ocorre dentro e com os grupos populares; é determinada pela realidade e sua perspectiva é histórica. Desenvolve-se na sociedade para se contrapor ao projeto educacional dominante. Por isso, é adotada em diferentes contextos, principalmente pelos movimentos sociais do campo e da cidade (LUI apud, BRANDÃO, 2006, p. 54).

nas experiências realizadas pela escola através da educação popular no âmbito comunitário a fim de contribuir para a formação de juventude e classe trabalhadora?

Nesse contexto surge este estudo de caso, uma abordagem de pesquisa abrangente em relação a um tópico específico, que possibilita uma maior compreensão do assunto e, portanto, fornece uma base sólida para futuras investigações na mesma área, e que tem como principal objetivo apresentar a Escola Nacional Paulo Freire como uma escola-modelo de educação popular, de formação de intelectuais orgânicos, que utiliza a comunicação na perspectiva freireana como atributo pedagógico.

O presente trabalho utilizou metodologias qualitativas de pesquisa para separar, organizar e analisar os dados coletados. Os métodos utilizados para esta investigação de cunho exploratório e descritivo foram a observação participante no período de Junho de 2021 até Junho de 2023 e a análise documental.

Na abordagem qualitativa, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala (Fraser e Gondim, 2004, p. 8).

Tendo como referência a concepção de pesquisa qualitativa de Fraser e Gondim (2004), onde além de compreender as opiniões individuais, procura-se igualmente decifrar as motivações dos indivíduos. Por isso as abordagens participantes juntamente à análise documental se fizeram necessárias para compreender as semelhanças e diferenças entre a narrativa do imaginário coletivo e a formalizada nos documentos, possibilitando a compreensão das interações sociais e as motivações dos atores sociais envolvidos, incluindo as do próprio investigador.

Na revisão de literatura, além dos textos metodológicos, foram selecionados textos que abordam a teoria de Paulo Freire, a comunicação comunitária, a comunicação popular, a mobilização social e sociedade civil, tópicos essenciais para a compreensão da dinâmica social da Escola Nacional Paulo Freire.

O trabalho justifica-se a partir da minha vivência como militante e comunicador no Levante Popular da Juventude e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na qual venho atuando nos últimos 7 anos, além da necessidade

de uma atuação das relações públicas que se dedica a ir de encontro à lógica mercantil vigente é o que motiva a criação do chamado campo das relações públicas comunitárias ou populares. Não se trata de uma habilitação ou especialidade das relações públicas, mas de uma mudança de postura metodológica, de referencial para conhecer a sociedade e nela atuar (César, 1999, p. 111).

O campo representa não apenas uma ampliação das possibilidades de atuação para os egressos no curso de graduação e profissionais já atuantes, que se inquietam e não encontram produção de sentido em reproduzir sua atuação no mundo empresarial, como também subverte as técnicas de mercado aprendidas durante a formação do profissional e assim maximizar o potencial de crescimento de iniciativas comprometidas com a mudança social e contra as funções da comunicação de massa.

A esse respeito afirma Peruzzo (2013):

As Relações Públicas comunitárias, também denominadas de populares ou alternativas ou, ainda, de “Relações Públicas na contramão”, como sendo aquelas realizadas no âmbito de comunidades, associações, movimentos sociais populares, organizações não governamentais e outras instituições sem finalidade de lucro. Essas denominações aplicam-se às iniciativas configuradas em contraposição aos mecanismos reprodutores dos interesses do capital e das condições alienadoras da pessoa humana. (Peruzzo, 2013, p. 93).

Desta feita, a atuação dos profissionais de relações públicas no fortalecimento das organizações da sociedade civil organizada, em especial os movimentos sociais, se mostra como uma das empreitadas mais desafiadoras da sociedade atual. A ausência de uma larga infraestrutura de funcionamento e fontes de recursos financeiros e humanos, coloca em prática a necessidade de inovar e reinventar muitas das práticas para adequar-se a um diferente contexto social, que não visa a sustentação do sistema por instituições, mas a implementação de melhorias através de benfeitorias e políticas públicas adquiridas através da mobilização social e da construção de uma imagem pública capaz de angariar apoio dentro sociedade.

Nos dois últimos de participação, pude perceber a necessidade de sistematizações recentes, oriunda dos movimentos sociais sobre experiências que vinculam educação popular e comunicação comunitária, com isso, a importância

desse trabalho se dá no intuito de enriquecer as reflexões sobre a ENPF e auxiliar a militantes, pesquisadores, intelectuais e interessados na temática.

Esse trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo abordarei o contexto histórico dos movimentos sociais no Brasil. A partir daí, pretendo analisar as lutas desses movimentos desde o seu surgimento até os dias atuais, destacando como eles têm desempenhado um papel crucial na busca por demandas, visibilidade e recursos, tanto social quanto politicamente, para grupos vulneráveis e comunidades periféricas.

Além disso, explorarei o contexto histórico dos movimentos sociais no Brasil e seu papel imprescindível na conscientização e mobilização das massas. Este capítulo servirá como base fundamental para compreender o impacto desta na promoção de mudanças sociais e políticas no Brasil, além de analisar importância dos processos educativos para esses movimentos, utilizando a obra de Paulo Freire como referencial teórico para compreender a concepção de educação popular adotada pelos movimentos sociais e sua importância para a mobilização social.

No segundo capítulo, abordo a interseção entre a comunicação comunitária, popular, juntamente com a educação popular, explorando seu impacto na cidadania como um direito, e sua dialogicidade com a obra de Paulo Freire.

No terceiro capítulo e último capítulo, realizo uma descrição da Escola Nacional Paulo Freire, trazendo elementos sobre sua história, a concepção por trás da idealização e o desenvolvimento do trabalho realizado até o momento. A ideia é demonstrar como alguns dos conceitos trazidos anteriormente, como comunicação popular e educação popular, funcionam na prática em um relato de campo, demonstrando assim suas potencialidades, contradições, limitações e desafios tendo como guia desta análise e descrição a teoria de Paulo Freire.

Alguns exemplos práticos, como a Campanha Periferia Viva e outras variações de ações de solidariedade aliadas a processos socioeducativos, onde as relações públicas se inserem, planejando, executando políticas comunicacionais e ampliando a voz dos movimentos.

CAPÍTULO I

MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

Com a solidificação do projeto neoliberal implementado no Brasil após a ditadura civil-militar de 1964 podemos nos deparar com as desigualdades sociais aprofundadas pelo sistema capitalista, pela concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas, a exploração da mais-valia e conformação de diversas formas de opressão relacionadas a etnia e gênero.

Esse capítulo propõe refletir sobre as razões pelas quais foram necessárias a criação de diversas formas de organização da sociedade civil que pudessem confrontar o aprofundamento das desigualdades econômicas e sociais no Brasil a fim de mudar a realidade do país através de um projeto político socialmente igualitário e mais justo.

Diante da gritante desigualdade brasileira historicamente constituída, temos o surgimento dos movimentos sociais. Eles são entendidos como organismos que concentram a mobilização coletiva de grupos de pessoas que compartilham interesses, valores e objetivos comuns, com fins de promover mudanças sociais, políticas, econômicas ou culturais em uma sociedade.

O conceito utilizado neste trabalho para tratar do tema é o sistematizado pela professora Maria da Glória Gohn, uma especialista nestes estudos, afirma que os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2011, p. 13).

Outro conceito, trabalhado por Dalmagro (2016, p.70), que se relaciona bem a esse supracitado diz que os movimentos sociais “são expressão dos limites e das contradições da sociedade atual e são, portanto, profundamente educativos uma vez que por sua atuação simultaneamente questionam as estruturas sociais”.

1.1 BREVE APANHADO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

No Brasil, os movimentos sociais são inúmeros e possuem diferentes categorias. Eles surgem para pontuar contradições com objetivo de superar as desigualdades sociais existentes desde o início de 1930, com a fundação de diversas associações de trabalhadores em São Paulo e através de mobilizações organizadas pelo Partido Comunista Brasileiro, o PCB, que em 1931 realiza a Marcha da Fome e põe nas ruas de todo o Brasil uma série de atos públicos e passeatas (Gohn, 1995, p. 83)

Uma das principais categorias de movimentos sociais no país são movimentos de luta contra a concentração de terra latifundiária e em pró de uma reforma agrária, populares no Brasil desde as Ligas Camponesas, que surgiram nos últimos anos do governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945), com forte influência do PCB.

A experiência das Ligas Camponesas serviu como inspiração para o que é a maior experiência de mobilização social do Brasil e da América Latina, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, popularmente conhecido pela sigla MST. Ele surge em meio ao contexto de intensa luta do campo, participando ativamente, também, da construção da Constituição de 1988, considerando grandes vitórias de sua luta pelos artigos 184 e 186, que garantem a desapropriação de terras que não cumprem sua função social (Brasil, Constituição, 1988).

Também são exemplos da conformação de movimentos sociais como conhecemos hoje: Movimentos Religiosos Católicos junto a jovens, que formou diversas lideranças políticas nacionais entre 1954 e 1964; Movimento "O Petróleo é Nosso", em defesa das reservas petrolíferas do país e pela criação da Petrobrás, em 1954; Movimento Nacionalistas pela Cultura, na qual se destacam os centros populares de cultura da União Nacional dos Estudantes entre os anos de 1954 e 1964. De acordo com o livro História dos movimentos e lutas sociais, da professora Maria da Glória Gohn (2012), existiu um grande número de mobilizações de lutas derivadas da organização de trabalhadores e com caráter de reivindicação por direitos e melhorias nas condições de vida a partir de 1930.

Resumidamente, é possível citar os movimentos de luta por moradia, que reivindicam uma reforma urbana a fim de garantir condições de habitação para todos que não possuem, assim como movimentos por direitos humanos, que atuam sobre

as injustiças sociais praticadas em todo território nacional e também baseadas na solidariedade internacionalista.

As formas de luta dos movimentos sociais estão extremamente ligadas à comunicação e suas concepções, tendo em vista que objetivam travar uma luta ideológica na sociedade, chamando atenção de outros sujeitos ainda não compenetrados sobre as formas de opressão da sociedade burguesa, e despertando sua consciência crítica, a fim de acumular capital social² em torno da luta de classes.

Em seu livro “Terceiro Setor e questão social”, o autor Carlos Montaño, afirma que “as ONGs³ passaram, paulatinamente, a ocupar o lugar dos movimentos sociais, deslocando-os de seu espaço de luta e da preferência na adesão popular”. (Montaño, 2010, p. 271). Como os estudos do autor mostram, a mudança de caráter dos movimentos sociais em demérito das ONGs faz parte de um processo de esvaziamento do papel do Estado.

O resultado desse esvaziamento na época, segundo Montaño (2010), foi o enfraquecimento dos movimentos sociais e partidos políticos no ato de pautar a superação dos problemas sociais através da mobilização política. Porém, na conjuntura política recente do país, entre os anos de 2016 e 2022, foram os movimentos populares que protagonizaram as principais mobilizações populares do país, tomando como exemplo as passeatas e manifestações em resposta às ações da extrema-direita sob a presidência de Jair Bolsonaro, que em sua gestão conduziu redução no orçamento da educação e saúde pública.

Neste sentido, a educação mostra-se uma ferramenta poderosa para auxiliar os movimentos sociais na luta por justiça social, pois ajuda a compreender profundamente os problemas que estão sendo combatidos, assim como as bandeiras de luta defendidas, o que os capacita a fazer uma melhor leitura da realidade. Portanto, a educação pode servir como um ponto de fortalecimento dos movimentos à medida em que, ao estarem enfraquecidos, podem recalcular a

² Bourdieu define capital social como “o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento” (Bourdieu, 1980, p. 2).

³ As organizações não governamentais, ou simplesmente ONGs, são outra categoria de mobilização coletiva prol do bem-estar social da sociedade civil. Elas são organizações sem fins lucrativos e independentes do governo que têm como objetivo trabalhar em prol de causas sociais, culturais, ambientais, de direitos humanos, de saúde, ou outras áreas de interesse público.

estratégia para que os mova novamente a ser referência na realização da denúncia dos problemas da sociedade e também proponente de soluções.

1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E LUTA PELA EDUCAÇÃO

A luta pela educação é um elemento central aos movimentos sociais no Brasil, tendo em vista que ela representa um dos principais caminhos para o processo de emancipação do ser humano. Na história do país, algumas das principais manifestações políticas foram em defesa da educação, desde a criação da União Nacional dos Estudantes, em 1938 (União Nacional dos Estudantes, [s.d]), até os em defesa das universidades públicas e pela recomposição do orçamento das mesmas, ocorridas durante os anos de 2016 a 2022, durante o governo dos presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro, ambos ligados ao espectro político da direita e favoráveis ao projeto neoliberal de sucateamento da educação pública e outros serviços fundamentais a garantia dos direitos básicos.

Os movimentos sociais entendem a centralidade da educação como um elemento interno, que precisa ser desenvolvido por todos os envolvidos, tendo em vista que, o acesso ao conhecimento serve como canal para decifrar os problemas sociais, suas origens e suas formas de superação. Em seu livro *Movimentos Sociais e Educação*, a professora Maria da Glória Gohn reforça o caráter educativo deles. Segundo ela, “o exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro” (Gohn, 1992, p. 23).

Segundo Gohn (1992) a dimensão pedagógica é importante pois através da vivência nos movimentos sociais aprende-se a elaborar a consciência política sobre as diferenças sociais, o poder de fala, a capacidade de criar formas de comunicação para expressar bandeiras de luta, elaborar estratégias de resistência e rebelião. Portanto podemos compreender os movimentos sociais como uma extensão das iniciativas de educação popular onde se aprende através das diferenças que existem na realidade social. Fazendo relação a o que é trazido até aqui, é possível fazer uma relação com a concepção de educação bancária elaborada por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. Ele explica:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão a absolutização da

ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (Freire, 2018, p. 38)

A concepção bancária de educação nega o diálogo, à medida que na prática pedagógica prevalecem poucas palavras, já que o educador é o único que diz a palavra, e por isso os movimentos sociais repudiam essa concepção de educação, adotando a perspectiva freiriana, que compreende o sujeito como participante ativo do processo educativo

1.3 A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Ao estudar sua obra, é possível ver que Paulo Freire acreditava na ideia que a educação deveria ser um meio de libertar as pessoas da opressão e da marginalização. Ele argumentava que a educação tradicional muitas vezes perpetua as desigualdades sociais, enquanto uma educação crítica pode capacitar as pessoas a compreender sua situação e tomar medidas para transformá-la. Sua abordagem enfatizava o diálogo entre educadores e alunos, permitindo que os alunos se tornassem conscientes de sua realidade social e política. Ele acreditava que, ao compreenderem as estruturas de poder e as injustiças que os afetam, as pessoas poderiam se tornar agentes de mudança.

No que diz respeito ao processo de aprendizagem dos sujeitos, Paulo Freire diz:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (1996, p. 16)

O que Paulo Freire traz nesse trecho de sua obra é uma grande contribuição para o processo de educação popular e que é assimilado pelos movimentos sociais e partidos políticos do campo da esquerda. Em sua ideia, a educação está diretamente ligada à realidade e se apresenta como uma ferramenta da organização reflexiva do seu pensamento. O objetivo dessa educação não é o de ensinar a

pensar, mas organizar o seu pensamento crítico a fim dele ir penetrando as diferentes camadas da sociedade. O processo educativo é um processo ativo, e necessita que haja uma dimensão do protagonismo do sujeito, e esse protagonismo surge da criação de sentido através da divisão de responsabilidade entre os sujeitos.

Compreender a contribuição freireana para mobilização social é partir do pressuposto que homens e mulheres marginalizados pelo capitalismo, são privados das órbitas de tomada de decisões, restritas a uma elite que se interessa em manter a lógica opressão na sociedade, por isso, reproduzem uma educação bancária, que é acrítica e se manifesta em forma de receita pronta. Essa forma não instiga reflexão do mundo e nem de si, como pedia Freire.

1.4 EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO POLÍTICA DAS MASSAS

A fim de mobilizar e organizar pessoas em prol de um projeto político contrário ao vigente, idealizou-se uma metodologia que é estudada e incorporada no trabalho de mobilização popular. O educador popular Ranulfo Peloso é uma referência, tendo inclusive organizado um livro intitulado: o Trabalho de Base”. A esse respeito, o educador popular afirma que:

Educação Popular é ferramenta político-pedagógica que contribui:na divulgação e recriação do conhecimento; na construção e implantação da estratégia de uma organização popular; na qualificação de militantes para a luta de classes; na elevação do nível de consciência da classe oprimida e na incorporação do povo como protagonista; na tradução das ideias e na aplicação da metodologia popular, com o compromisso da multiplicação criativa (2012, p. 9).

Segundo o autor, o principal objetivo da educação popular é libertar as pessoas de sua falta de criticidade em relação à sociedade que vive, estimulando a reflexão e a indignação. Podemos tomar como exemplo os mutirões de alfabetização organizados por Paulo Freire através do seu método de alfabetização. Tendo em vista que o voto até 1985 era direito exclusivo das pessoas alfabetizadas, ele decide alfabetizar as pessoas por compreender que esse é o primeiro passo para que elas sejam vistas como dignas de algum grau de cidadania, pois na medida em que ele está possibilitado a exercer o direito de votar, poderá, através dele, reivindicar melhorias para sua forma de vida.

A educação popular é utilizada de forma sistemática pelos movimentos sociais com o intuito de gerar o convencimento em novos sujeitos em torno de suas bandeiras de luta, e a essa prática, dá-se o nome de trabalho de base.

O trabalho de base não é uma “tática” para atrair o povo. Nem um conjunto de técnicas que, se bem aplicadas, podem dar bons resultados. É uma metodologia que vai além de qualquer modelo. O trabalho de base é uma paixão assumida por gente que se entrega por seu tesouro. É uma paixão indignada contra qualquer injustiça e uma ternura por todos que se dispõem à construção da solidariedade. Esse modo apaixonado de crer no povo e de multiplicar invade o coração dos lutadores da causa popular. Esse envolvimento na construção desse modo de viver sem a marca da dominação alimenta essa convicção contagiante. Esse jeito de fazer política dá certo porque tem seu alicerce em convicções. E isso torna a política uma atividade sensível, comprometida e criativa (Peloso, 2012, p. 41).

O que Ranulfo Peloso (2012) traz em sua conceituação é que a razão do trabalho de base não é a da mera cooptação para uma bandeira de luta, mas um ato revolucionário carregado de fraternidade e um desejo profundo de mudanças estruturais na sociedade. Essa prática apenas pode ser realizada pelos que carregam uma convicção política e ideológica que os motiva a inserir-se em bairros, fábricas, comércios, igrejas, escolas e universidades para alcançar cada vez mais pessoas para a libertação das opressões impostas através do capitalismo.

Entende-se até aqui que o sucesso desse trabalho depende de compreender o que se tem construído no cotidiano, e que isso é parte do que compreendemos por educação popular. Avaliar as práticas feitas para construir relação com as pessoas nos locais de atuação é importante para extrair características locais, e isso ajudará a construir um processo de mobilização popular, pois auxilia numa maior compreensão do contexto social.

Por fim, percebe-se que o trabalho de base não é uma fórmula de bolo pronta para ser reproduzida, mas um roteiro de práticas que contém um contexto cultural e geográfico, e, que, através da utilização da educação popular, é possível ir instigando a consciência crítica a respeito dos problemas sociais presentes e a partir disso estabelecer uma relação de confiança entre os educadores populares dos movimentos sociais atuantes e os sujeitos.

Com o passar do tempo e a depender do vínculo estabelecido, somado a efetividade da forma como a educação popular foi utilizada, se tem a possibilidade de transformar o sujeito em um militante da causa política defendida por aquele

movimento social, que contará com mais uma pessoa de referência em determinada localidade pronto a defender as bandeiras de luta e a repetir o ciclo da educação popular e do trabalho de base, com o intuito de crescer cada vez mais o número de pessoas da classe oprimida com consciência da opressão sofrida e disposta a realizar a luta política pela transformação da sociedade.

. Nesse sentido, a comunicação apresenta-se como uma ferramenta capaz de contribuir diretamente com os processos de formação política e mobilização das massas através da aplicação do campo teórico da comunicação popular, que iremos compreender.

CAPÍTULO II

A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DO POVO

O Brasil é um dos países com maior concentração hegemônica dos meios de comunicação por parte de grupos empresariais e familiares, do mundo. A pesquisa “Quem controla a mídia na América Latina?”, conduzida em 2019 pela organização internacional de direitos humanos Repórteres Sem Fronteiras em parceria com o coletivo Intervezes, afirma que cinco grupos ou seus proprietários individuais concentram mais da metade dos veículos e que mais de 70% da audiência nacional de televisão é concentrada em quatro grandes redes (Intervezes, 2019).

A legislação de comunicação no Brasil possibilitou uma concentração excessiva de propriedade empresarial, não promovendo a diversidade de linguagens e perspectivas. O resultado desse processo é um país que se desenvolveu sendo informado através de noticiários alinhados ao que a classe dominante do país desejasse que fosse consumido e discutido na sociedade, e por diversas vezes, influenciando os rumos da política.

Quando fazemos esse estudo da situação da comunicação no país, estamos tomando como referência a mídia comercial, que serve para a reprodução da ideologia opressora das classes dominantes. Porém, existe uma outra perspectiva de comunicação que busca ir de encontro a essa lógica, na qual iremos agora nos aprofundar.

2.1 A COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA

Em contraposição a essa hegemonia, é criado um novo campo da comunicação, denominado de comunicação popular. De acordo com Peruzzo (2023, pg. 24), essa comunicação tem como seus sujeitos protagonistas os movimentos sociais populares, associações comunitárias e demais articulações cívicas de segmentos das classes subalternizados organizados.

Trata-se de um esforço baseado na realidade social do país, de trazer informações com um conteúdo crítico ao que era noticiado pela mídia comercial. Inclui-se nesse campo as diversas iniciativas de informação surgidas em territórios

para noticiar o dia-a-dia, assim como as reivindicações políticas ofuscadas pelas linhas editoriais das classes dominantes.

Existe uma gama de conceitos sobre comunicação popular, a utilizada como referência nesse trabalho diz respeito a autora Peruzzo (2009). Para ela:

A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação (Peruzzo, 2009, p. 46).

Uma questão importante para compreensão desse conceito, e que produz uma série de debates, é em torno dessa nomenclatura *popular*. Sobre isso, Cecilia Peruzzo diz que “a comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos” (PERUZZO, 2009, pg. 47). Porém, ainda segundo a autora, o sentido político expresso apesar do termo adotado, é o de dar voz aos segmentos mais marginalizados da sociedade, pertencentes a classe trabalhadora.

A Comunicação Popular distingue-se como uma comunicação de resistência porque acontece no bojo e é vinculada aos movimentos sociais, comunidades e coletivos populares que lutam por direitos e denunciam diversas formas de opressão. Trata-se de uma contra comunicação, em relação aos padrões convencionais da grande mídia (M. Krohling Peruzzo, 2023, p. 25).

Um outro elemento importante para compreensão da conceituação, e que será importante para o seguir do trabalho, é o termo comunicação comunitária. Apesar de no parágrafo anterior afirmar que trata-se da mesma coisa, posteriormente, utiliza-se comunitária para tratar da comunicação menos vinculada com os movimentos sociais e mais interessada em trazer uma contribuição informativa para um território, que seja mais preciso aos acontecimentos da sua realidade.

Sobre isso, Peruzzo (2009) é clara ao explicar que:

Na prática, a comunicação comunitária por vezes incorpora conceitos e reproduz práticas tipicamente da comunicação popular em sua fase original e, portanto, confunde-se com ela, mas ao mesmo tempo constrói outros matizes. Por exemplo, às vezes se desconecta de movimentos sociais e assume feições diversificadas quanto às bandeiras defendidas e mensagens transmitidas (Peruzzo, 2009, p. 47).

Neste trabalho, mesmo quando aparece o termo comunicação comunitária, é importante compreender que estamos falando de uma ótica diretamente vinculada aos movimentos sociais, e sendo utilizado comunitário apenas para ser fiel para com a escrita do autor referenciado.

Uma característica importante no processo de construção da comunicação popular e que se difere por completo da lógica utilizada no mercado formal, de caráter empresarial e mercadológico, é o horizontalismo, ou seja, a que é realizada de uma forma onde o processo desde a elaboração, até a tomada de decisões, vem de cima para baixo. A autora Cicilia Peruzzo (2010, p.4) define essa forma de se comunicar como participativa e democrática, com envolvimento ativo das pessoas como emissoras e receptoras de mensagens, exercendo outras perspectivas do direito à comunicação, que não apenas o acesso.

Essa concepção de popular parte do entendimento do povo enquanto sujeito protagonista e destinatário da comunicação a partir de uma perspectiva crítica, emancipatória, cidadã. Nesse sentido Ferreira (1987, p. 26) ensina que todos os que estão implicados na ação devem participar do planejamento, cada um com seus conhecimentos específicos, alguns frutos de aprendizado anterior e outros novos resultados da experiência prática.

O processo participativo dentro da comunicação dos movimentos sociais é de extrema importância para o seu sucesso, pois estamos falando de uma atuação que não possui infinitos recursos para infraestrutura, logística e recursos humanos, então é necessário envolver o máximo de pessoas, sendo elas comunicólogas de formação, ou não, pois cada pessoa envolvida tem a capacidade de registrar, e a medida com que for fazendo, terá novas habilidades resultados da experimentação. Ampliando a compreensão sobre essa dimensão participativa da comunicação comunitária, Regina César, comenta:

A comunicação comunitária é uma via de mão dupla, pautada na comunhão entre sujeitos iguais que participam de seu contexto e o transformam dialeticamente. Esse movimento gera compromisso e amadurecimento do movimento e de seus membros, bem como dos profissionais que atuam nele (2007, p. 86).

Essa dialética da comunicação comunitária é uma dimensão pedagógica da comunicação, uma discussão abordada por Paulo Freire em seu livro Extensão ou

Comunicação é absorvida pelos movimentos sociais, que implica a co-participação dos sujeitos para torná-los parte ativa do processo. “Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação” (Freire, 1985, p. 45).

Essa dialogicidade posta em prática tem como resultado a criação de uma alternativa dos movimentos sociais de propagandear sua mensagem política, sistematizada como agitação e propaganda, uma forma de dar visibilidade às lutas, que não são capas de jornal e nem televisionadas no horário nobre da televisão.

A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social (Via campesina, 2007, p. 10).

As formas de agitprop mais utilizadas pelos movimentos sociais são sistematizadas na cartilha Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social, organizada por movimentos sociais que compõem a Via Campesina⁴. São elas:

a - Discurso (palavra/oratória): comícios relâmpagos, palestras, falas em atos públicos... b - Publicações impressas: panfleto, jornal, mural, revista, livro. c - Artes Plásticas: pichações, grafiteagem, muralismo, painelismo, faixas, cartazes, fotografia, estêncil, ... d - Teatro: teatro jornal, teatro fórum, teatro invisível, teatro procissão, teatro de rua... e - Música e poesia: corais, saraus, festivais, apresentações de rua ou em rádios, etc. f - Indumentária/vestimenta: bonés, camisetas, bandeiras, broches, etc. g - Produtos da Reforma Agrária. Agitação e Propaganda - 13 h - Meios de comunicação de massa: rádio, cinema, televisão, jornal, internet... i - Manifestações e passeatas. j - Carro de som. l - Mística/Celebrações. m - Pedagogia do exemplo. n - Ações de massa (Via Campesina, 2007, p. 12).

O desenvolvimento da internet e a massificação na utilização das redes sociais fez com que os movimentos se apropriassem desses ambientes. Hoje é comum perfis de movimentos sociais em redes sociais com atualizações das lutas nos territórios. Isso torna mais fácil o acesso às informações e possibilita contato

⁴ A Via Campesina é uma articulação internacional de movimentos sociais camponeses que tem como objetivo construir relações de solidariedade internacional, socialização de experiências e fortalecimento da luta por terra no mundo. No Brasil representam a Via Campesina os seguintes movimentos sociais: Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas; Movimento de Atingidos por Barragens; Movimento de Mulheres Camponesas; Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais; Movimento dos Pequenos Agricultores; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Pastoral da Juventude Rural;

com um público que, às vezes, não está fisicamente no momento das manifestações, mas acessou a partir de publicações e compartilhou, multiplicando o alcance.

Sobre a agitação e propaganda no contexto digital, Gohn reforça:

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. Por isso, exercitam o que Habermas denominou de o agir comunicativo (Gohn, 2011, p. 355).

Para isso, cada vez mais os movimentos sociais têm se debruçado em construir processos de educação popular que forme sujeitos a fim de torná-los aptos a pensar e elaborar sistematizações sobre as novas formas de ação que o momento político exige.

2.2 A COMUNICAÇÃO COMO EXERCÍCIO DE UM DIREITO

O debate sobre um modelo de comunicação popular convoca a reflexão sobre o acesso à comunicação como um direito que precisa ser garantido de maneira universal. O direito à comunicação é um canal central para aumentar o acesso à informação e o direito à liberdade de opinião, criação e expressão, elementos que fortalecem os sujeitos rumo a sua autonomia.

O acesso à comunicação e à informação não apenas enriquece a vida das pessoas, mas também as empodera. Quando as pessoas têm a capacidade de expressar suas opiniões, acessar informações e participar ativamente no debate público, elas se tornam mais autônomas e capazes de tomar decisões que afetam suas vidas e comunidades. Tendo em vista isso, um modelo de comunicação popular deve ser orientado para tornar esses direitos uma realidade para todos, contribuindo assim para uma sociedade mais justa, informada e inclusiva.

As novas tecnologias digitais possibilitaram um acesso maior às formas de comunicar, com a simplificação de acesso à informação e algumas ferramentas técnicas. Hoje se é capaz de editar vídeos, manipular imagens e realizar gravações através de aparelhos celulares. Ainda assim, apesar da praticidade trazida por essas tecnologias, se faz necessária a apropriação técnica desses recursos, que ainda não estão a disposição de maneira acessível para todos os sujeitos.

No momento atual ocorre a explicitação do direito de acesso do cidadão e de suas organizações populares representativas ao poder de comunicar, ou seja, ao acesso também aos canais de comunicação massivos e eletrônicos na condição de emissores de conteúdos próprios e de gestores autônomos de meios a serviço das “comunidades” e movimentos populares (Gohn, 2010, p. 4)

Em sua obra “A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano”, Gohn (2010) reforça a importância dos mesmos ocuparem espaços destinados à produção de comunicação. Entende-se que, na realidade atual, locais que historicamente foram negados, como o espaço das emissoras de televisão, redes sociais, websites, plataformas de streaming, estão mais acessíveis, o que possibilita esses movimentos produzirem conteúdos a serviço do povo, contribuindo com o trabalho de mobilização popular.

Porém, ainda existem limitações no que diz respeito a esse acesso, sejam os equipamentos ou o domínio intelectual. Por isso a pauta pela democratização da comunicação continua sendo bandeira de luta atual. Nesse sentido, cada vez mais, movimentos sociais vêm realizando processos de formação intelectual e técnica no campo da comunicação e compreendendo esse campo como parte dos seus processos educativos e nesta perspectiva que Paulo Freire e seu trabalho também são um referencial para este campo da comunicação.

2.3 A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE

Dentro das tentativas de aprofundar o papel político da comunicação não simplesmente como um realizador de atividades técnicas surge a necessidade teórica de relacionar a comunicação e a obra do educador Paulo Freire. Em seu livro “Extensão e Comunicação”, ele enfatizou a importância do diálogo como uma ferramenta fundamental na educação e na comunicação.

coparticipação dos sujeitos do ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediador da comunicação. [...] O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo (Freire, 1977, p. 66-67).

Em síntese, Freire via a comunicação como uma prática política. Ele argumentava que a educação e a comunicação não podem ser separadas da política, pois ambas desempenham um papel fundamental na formação da

consciência e na transformação social. Utilizando de sua ótica, é conclusivo que não se pode compreender a comunicação como um simples meio de transmitir mensagens aos outros, nem esperar que a comunicação popular e comunitária seja puramente mediada por instrumentos tecnológicos, como geralmente identificado em estudos convencionais.

A construção de uma comunicação que contribua com a emancipação, nos termos que Freire traz em sua reflexão, é o cerne da construção de uma comunicação popular protagonizada pelos movimentos sociais comprometidos com a transformação da sociedade em uma mais justa e igualitária. No capítulo seguinte, veremos essas reflexões sendo materializadas em iniciativas concretas.

Capítulo III

A ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE: ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICA, TÉCNICA E CULTURAL PARA A JUVENTUDE E PARA OS TRABALHADORES

Em seu livro “Extensão ou comunicação?” Paulo Freire (1985, p. 31-32) discorre sobre como a ação dos agrônomos em territórios rurais do Chile eram deficientes em enxergar os camponeses como sujeitos ativos, o que os levavam ao silêncio. Para que houvesse sucesso na ação de extensão desenvolvida, era necessário melhores formas de comunicação, e isso exigiria uma mudança de abordagem, já que a utilizada até então possuía um distanciamento entre os sujeitos. Para o autor: “a substituição de procedimentos mágicos por técnicas “elaboradas”, envolve o cultural, os níveis de percepção que se constituem na estrutura social” (Freire, 1985, p. 20).

O contexto que Paulo Freire descreve em seu livro, utilizando a extensão agrônoma chilena em territórios camponeses, que tratamos no capítulo anterior, é de muita utilidade para entender o que está por trás da criação de uma escola-modelo voltada à atuação comunitária e à comunicação popular. A instituição é um espaço de educação popular, construída pela juventude de movimentos populares com o objetivo de fortalecer o trabalho de base nos centros urbanos, a partir de atividades formativas, culturais e territoriais.

A ENPF está no seu quinto ano de atuação, tendo sido fundada em 2019 a partir de uma articulação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o Levante Popular da Juventude⁵ e a Ordem dos Dominicanos⁶. Ela funciona em São

⁵ O Levante Popular da Juventude é um movimento social de juventude, que, a partir de um trabalho de educação popular, vem se consolidando nas periferias das principais cidades brasileiras na luta por direitos. Enquanto movimento social, o Levante fomenta processos de formação e organização de jovens. Fundado em 2006 no Rio Grande do Sul e nacionalizado em 2012, foi responsável por ações notórias nas duas últimas décadas, como a denúncia na porta de casa de inúmeros torturadores da ditadura militar (DA JUVENTUDE, 2020).

⁶ São uma ordem religiosa pertencente à igreja católica, ordenados e não ordenados, que vivem conforme o projeto de vida religiosa, radicalmente inovadora, no compromisso com a realidade. Hoje os frades da Ordem estão presentes em mais de oitenta países, nos cinco continentes. No Brasil atuam em comunidades situadas, especialmente, na parte central do país, onde desenvolvem atividades educacionais, sociais, pastorais e na área de saúde, promovem a formação humana cristã, numa atenção particular aos pequenos e aos pobres, nos empenhando para combater toda forma de discriminação (DOMINICANOS [s.d.]

Paulo, na Rua Eça de Queiroz, 167 - Ipiranga, e funciona de forma aberta a visitação entre segunda a sexta, das 9h às 18h, com horários específicos a depender da realização de eventos e atividades.

3.1 O LUGAR E SUA HISTÓRIA

Uma das primeiras coisas que chama atenção na escola é o lugar onde ela está situada. O seu espaço físico, conhecido como Complexo Vergueiro, está localizado na cidade de São Paulo. É um grande terreno arborizado, um jardim, uma capela, na qual funciona uma paróquia chamada Cristo Operário.

O espaço também tem dois prédios, o primeiro possui dois andares e chama-se Elza Freire, em homenagem à educadora que foi esposa de Paulo Freire e sua parceira na formulação teórica da pedagogia freireana, no dia-a-dia da escola, as pessoas se referem a ele como o “prédio pedagógico”. O térreo possui algumas salas de trabalho, um refeitório e um palco para apresentações artísticas, o primeiro andar é cheio de salas de aula e o segundo andar possui um grande auditório.

O segundo prédio não homenageia uma pessoa específica e é apenas chamado de “prédio administrativo”. Ele possui um piso com uma recepção, salas de trabalho e uma biblioteca com mais de cinco mil títulos doados por parceiros, nomeada como Angicos (figura 3), em homenagem à experiência de alfabetização realizada por Paulo Freire no interior do Rio Grande do Norte. Além disso, o prédio conta com um subsolo, que abriga um alojamento e um almoxarifado.

O terreno pertence à Ordem dos Dominicanos e abrigou diversas experiências de trabalho popular e comunitário desde a década de 50. Uma das iniciativas antes da escola iniciar seu funcionamento foi a fábrica UNILABOR, uma comunidade operária que reuniu artistas, militantes e educadores com objetivo de construir uma experiência cultural em torno do trabalho. Ela iniciou suas atividades no ano de 1954. A fábrica produzia móveis, com assinatura do artista paulista Geraldo de Barros, um dos expoentes da vanguarda da arte brasileira, precursor da arte concreta e pioneira da fotografia abstrata, e tinha como principal objetivo a construção de novas relações de trabalho.

A fábrica acabou sendo fechada no ano de 1967, pouco mais de uma década após o início do seu funcionamento. Sua sua experiência foi significativa o bastante para que o espaço fosse tombado como patrimônio histórico e cultural pelos conselhos municipais e estaduais de preservação de patrimônio histórico.

Ainda com administração dominicana, com forte atuação social, o espaço abrigou entre as décadas de 70 e 90 o Centro Pastoral Vergueiro (CPV), ou como ficou conhecido posteriormente, Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro. “O CPV reuniu ativistas, estudantes, artistas e professores para preservar a memória de resistência e organização popular, mas não para armazená-la apenas, mas para divulgá-la para que servisse de instrumento de transformação (Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro [s.d]).

Nessa época o Brasil vivia sob ditadura militar, e o trabalho com preservação e comunicação da memória dos movimentos populares foi uma forma de resistência, além de uma maneira dos movimentos populares produzirem conhecimento sobre si. No período de reabertura democrática, que se deu a partir de 1985, com o fim do governo militar, a partir da escolha de José Sarney como primeiro presidente civil depois de 21 anos, o CPV também contribuiu intensamente na rearticulação dessas organizações da sociedade civil, apoiando diretamente o trabalho sindical no ABC. Ele encerrou suas atividades oficialmente em 2021, tendo seu acervo digitalizado pela Universidade Estadual de Campinas.

Até o ano de 2005 funcionou no Complexo Vergueiro a Escola Dominicana de Teologia (EDT). Entre 2005 e 2018 o espaço ficou sem uso para além da Capela. Então a Ordem dos Dominicanos iniciou um diálogo com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e o Levante Popular da Juventude, colocando o espaço à disposição para construção de um trabalho popular. Foi assim que em 2019 o Levante Popular da Juventude, movimento nacional que organiza a juventude nas cidades, decidiu construir naquele espaço a Escola Nacional Paulo Freire, que permanece ativa até o presente momento.

A escola surge da motivação do Levante Popular da Juventude, um movimento social de juventude, em ter um espaço físico próprio para concentrar as iniciativas de formação política, inspirado em outras experiências, como a Escola

Nacional Florestan Fernandes⁷, do MST. Ela ocupa um espaço físico representativo para a luta da esquerda brasileira, que tem uma história de bastante relevância na luta política e social contra a repressão, pela democracia e pela educação das massas, além de fortalecer a narrativa popular

A escola tem um grande desafio de construir experiências que ajudem a despertar o interesse da classe trabalhadora, em especial, a juventude, pela política. Resumidamente tratando ao conjunto de atribuições que o Estado possui e exerce, em especial as camadas mais afetadas pelo capitalismo e os que dedicam-se à construção da luta política através dos movimentos sociais.

A ENPF visa trabalhar a construção dos sujeitos envolvidos no centro dessas iniciativas como potenciais intelectuais orgânicos, que irão ter as ferramentas intelectuais e técnicas para compreender a realidade que enfrentam, suas problemáticas e formas de superação, sem que seja necessário um sujeito externo, alheio à realidade para oferecer elaborações que não sejam condizentes com as especificidades dos sujeitos envolvidos. O termo conceituado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci em seu conjunto de livros intitulado Cadernos do Cárcere. Na visão dele:

[...] os intelectuais “orgânicos” se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas no nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. (Gramsci,1975, p. 1.518)

Na visão gramsciana, a função do intelectual orgânico à serviço da classe trabalhadora e à conquista da hegemonia da sua classe é apropriação e combinação do conhecimento científico, filosofia e ação política, tendo em vista que tal intelectual deve ser um construtor, organizador, educador permanente. No entanto, o processo

⁷A Escola Nacional Florestan Fernandes é uma escola de formação de quadros. Ela é dirigida pelos militantes/educadores populares do MST, mas realiza cursos para toda militância dos movimentos sociais brasileiros e de toda América Latina. Situada em Guararema (a 70 km de São Paulo), foi inaugurada em 23 de janeiro de 2005 e foi construída ao longo dos anos de 2000 e 2004, graças ao trabalho voluntário de mais mil trabalhadores sem terra e simpatizantes. Sua missão histórica é a de atender às necessidades da formação de militantes de movimentos sociais e organizações que lutam por um mundo mais justo (STÉDILE, J.; HILARIO, E.; FUSER, I, 2013)

de formação política desses sujeitos deve ser estimulado através da educação popular com o objetivo de aprofundar a leitura da realidade.

Assim, partindo da dialogicidade e tendo como princípios a participação ativa de seus integrantes nas decisões administrativas, a ENPF instituiu sua missão ao mesmo tempo que apresenta os objetivos político-pedagógicos da ENPF estão sintetizadas em sua missão:

“Construir uma escola nacional de educação popular, com forte protagonismo da juventude, com ênfase no movimento popular urbano, voltado para formação de militantes e para formação técnica e cultural de jovens e da classe trabalhadora” (Escola Nacional Paulo Freire, 2020, p. 38).

A ENPF é portanto um espaço de formação política e educação popular que não se restringe à formação de militantes, desenvolvendo também atividades comunitárias junto aos movimentos populares. Neste contexto, a educação popular é concebida como um método para fortalecimento do trabalho de base, em especial nos centros urbanos. Isso se dá não apenas com cursos e seminários, mas também através da cultura, comunicação e formação técnica.

3.2 A COMUNIDADE DA ENPF

A escola adota uma metodologia de funcionamento participativa, onde seus trabalhadores, muito deles militantes mais velhos do Levante Popular da Juventude, com exceção de alguns trabalhadores que se aproximaram a partir de indicações e processos seletivos. O objetivo dessa práxis é quebrar a lógica de opressão ao trabalhador que é imposta pelo sistema capitalista.

A escola possui uma coordenação geral, onde todos os seus trabalhadores, independentes de sua função, da direção à cozinha, participam e opinam sobre o planejamento da instituição. É assim, em longas reuniões de dois ou três dias, que a maioria das decisões são tomadas.

A ideia é justamente criar experiências dialógicas, que ajudem na construção de uma nova sociedade, e ter isso posto de forma visível na sua estrutura interna e decisória.

Para entender a atuação da escola será necessário a absorção de dois conceitos primordiais. O primeiro é o trabalho pedagógico, organizado através de três eixos temáticos: Educação, realidade brasileira e juventude. Estes três temas foram identificados pelos movimentos populares que conduzem a escola como contribuições que dialogam diretamente com os objetivos estratégicos dos mesmos.

Cada tema forma um núcleo de trabalho, que é composto por pessoas trabalhadoras-militantes da escola, e que se dedicam a pensar e estruturar cursos, escreverem publicações a esse respeito e desenvolverem pesquisas para aprofundar a discussão. Diversas iniciativas foram desenvolvidas nesse sentido, como cursos, seminários, ciclos de debate, ciclos de estudo entre outras.

Os núcleos de trabalho fazem parte de uma estrutura maior chamada de Coordenação Político-Pedagógica, ou CPP. O núcleo realidade brasileira tem como objetivo investigar temas sobre a formação social e econômica do Brasil, formulando e sistematizando sobre a formação do capitalismo e suas especificidades, as relações entre classe, raça e gênero e a questão nacional.

O núcleo educação é um desdobramento da homenagem a Paulo Freire, com foco no resgate de sua vida e obra, como também estudo e reflexão sobre a educação no Brasil.

Por último, o núcleo juventude busca estudar a juventude enquanto um sujeito político, tendo em vista que este sujeito é a razão e motivo da existência da ENPF. Um dos objetivos é que toda reflexão sobre este sujeito possa desdobrar no fortalecimento de ações sociais concretas, a exemplo de publicações e cursos e também nas políticas públicas elaboradas pelos movimentos sociais, em especial o Levante.

O segundo conceito primordial para o trabalho da escola é o do trabalho territorial, que é o conjunto de iniciativas de educação popular no âmbito comunitário. Assim, desde sua concepção a ENPF se propôs a realizar um trabalho comunitário, através de atividades nos bairros, definidas pelos mesmos como atividades territoriais. Esse objetivo dialoga diretamente com a missão de fortalecer o trabalho dos movimentos sociais no contexto urbano. A ENPF, neste sentido, não

substitui a organização política nos movimentos sociais e partidos políticos, mas contribui com seu enraizamento e crescimento, na relação educação popular e trabalho de base.

A educação popular é um tema transversal a todos os trabalhos realizados, pois, associados aos conceitos de Antonio Gramsci e Paulo Freire situados neste trabalho, ela é ferramenta central para a construção do que é chamado pelos movimentos sociais de trabalho de base. Nas palavras do educador popular Ranulfo Peloso, referência no debate e autor do livro Trabalho de Base, ele é:

[...] é a ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular, que mete o corpo em uma realidade concreta, para despertar, organizar o povo na solução de problemas do cotidiano e ligar essa luta à luta geral contra a opressão (Peloso, 2012, p. 10).

De acordo com o autor, esse trabalho é realizado pelos militantes dos movimentos sociais e somente por eles, pois são convencidos pela mensagem política e instruídos de ferramentas intelectuais para conduzir de maneira didática os processos de educação popular aos sujeitos de interesse do trabalho comunitário.

Trata-se de um compromisso com a pedagogia da *práxis* e o trabalho educativo, o campo de ação freireano, no sentido de que existe uma relação intrínseca entre teoria e prática. Esta é uma dimensão da radicalidade do pensamento de Paulo Freire, para quem a educação popular é antes de tudo um método de leitura da realidade onde o povo, oprimido, toma consciência desse processo e se cerca de ferramentas para transformá-la (Freire, 2018).

3.3 A CAMPANHA PERIFERIA VIVA

O trabalho comunitário da ENPF é um dos aspectos centrais de observação deste trabalho, pois a partir do seu estudo é que se faz possível entender o que na prática se quer dizer com de educação popular e também compreender a construção de vínculos com os sujeitos de interesse da escola, que, como explicado em sua missão, são toda a classe trabalhadora, em especial a juventude. Uma das formas que os movimentos sociais utilizam para essa criação de vínculos com os sujeitos e seu local de habitação é a solidariedade. Faz parte da ação política de movimentos

sociais o trabalho solidário. O MST, movimento social que produz alimentos saudáveis através da agricultura familiar tem como estratégia de inserção social a realização de doação de alimentos produzidos em seus assentamentos, uma forma de suprir o problema concreto da fome nas periferias, e a partir disso, desconstruir o preconceito construído pela mídia burguesa e pelos ruralistas, seus principais adversários políticos, ao movimento.

No ano de 2020 foi marcado pelo decreto da pandemia do Covid 19 em todo o planeta. No Brasil a pandemia foi mais do que uma crise de saúde, tratando-se de uma crise mais ampla, de caráter sanitário, político, econômico e social, onde se escancararam as desigualdades sociais, além das formas de opressão como o racismo, o classismo e a aporofobia. O período da crise também ficou extremamente marcado pela atuação do Governo Federal, que optou por não combater o vírus, agindo inclusive como difusor de *desinformação* em relação a ele.

Durante a pandemia de COVID-19 a ENPF foi responsável por uma série de iniciativas sociais para auxiliar duas comunidades do seu entorno: o Jardim São Savério e o Boqueirão, em São Paulo. Segundo atesta documento elaborado pela escola (Escola Nacional Paulo Freire, 2020), a ENPF se inseriu como construtora da Campanha Nacional de Solidariedade Periferia Viva, criada por movimentos sociais do Brasil, entre eles o Levante Popular da Juventude e o MST. O objetivo da campanha era construir ações e solidariedade nos bairros periféricos de todos os estados, que representavam os sujeitos mais atingidos pela Covid-19.

Em São Paulo, ela foi conduzida pela ENPF e demais movimentos citados, tendo como atividade central da campanha a distribuição de alimentos, que chegou a atingir 500 famílias (Figura 1). As cestas eram entregues nos bairros circunvizinhos, seguindo as medidas de segurança sanitária, e eram voltadas para famílias de baixa renda. Nestes locais, a fome chegou antes do vírus e se alimentar era algo mais importante que o cuidado com a saúde para as famílias.

Figura 1 - Distribuição de alimentos da campanha de solidariedade Periferia Viva, na ENPF



Fonte: Guilherme Gandolfi, 2020

A partir deste trabalho, construiu-se um jeito de fazer solidariedade em um momento em que empresas e outras entidades da sociedade civil também realizavam doações, mas em uma perspectiva de caridade. A solidariedade, ao contrário, vê as famílias não como objetos mas como sujeitos da ação e resolve busca resolver a questão concreta - a fome - ao mesmo tempo que trabalha suas causas e propõe soluções.

Para além das doações de alimentos, a Periferia Viva comportou uma série de ações de comunicação, educação e mobilização, que teve o objetivo de levar informação e serviços às comunidades assistidas.

Da perspectiva da saúde, do combate ao vírus, a ENPF iniciou ainda em 2020 o processo educativo dos Agentes Populares de Saúde, um curso voltado para a formação da comunidade, que trabalhou a prevenção e combate ao vírus ao mesmo tempo que propôs a organização para implementação de políticas públicas de saúde (Figura 2). A partir do curso os bairros do Boqueirão e Jardim São Sáverio foram mapeados ao passo que foram identificadas as famílias mais necessitadas, a partir daí, os próprios agentes, agora referências da comunidade para o trabalho da escola, passaram a mediar as entregas de cestas para as famílias da região, identificando os mais necessitados de assistência e organizando o processo de distribuição.

Figura 2 - Agentes Populares de Saúde



Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2020

Outra iniciativa desenvolvida, derivada desse curso, foi a dos Agentes Populares de Alimentação (Figura 3). Ela buscava conscientizar acerca da alimentação saudável a partir de práticas como agroecologia e construção de cozinhas e hortas comunitárias nos bairros. O sujeito do curso eram mulheres, em sua maioria mães e chefes de família, moradoras do do Boqueirão e do Jardim São Savério.

Figura 3 - Agentes Populares de Alimentação (Na foto, Angelita e Vera)



Fonte: Vinícius Braga, 2021

As iniciativas construídas pela escola dentro da Periferia Viva utilizam a comunicação como uma ferramenta de mobilização e organização da comunidade através da construção de um jornal comunitário, nomeado com mesmo nome da campanha realizada no momento, e que dialogava perfeitamente com a mensagem política que queria ser comunicada.

3.3.1 Jornal Periferia Viva

O jornal Periferia Viva foi criado em 2021 pela ENPF como parte das ações da campanha de solidariedade e com o objetivo de criar um instrumento de comunicação popular que auxiliasse no trabalho comunitário desenvolvido, levando informações sobre saúde, dado o contexto da pandemia de Covid-19, e envolvendo os moradores no processo de elaboração. O público alvo do jornal eram justamente os moradores dos dois bairros onde a escola possui atuação. Em uma matéria sobre o jornal publicada pela coluna da campanha no site Brasil de Fato, relata-se que:

O jornal é uma iniciativa de comunicação popular que visa fortalecer o vínculo dos moradores com seu próprio bairro e estreitar a nossa relação com a comunidade. Foram quase dois meses de preparação em que perguntamos às famílias assistidas desde o nome que elas queriam para o jornal até os conteúdos que elas gostariam de ver e produzir (Viva, 2020, p. 1).

Na reunião de planejamento para a produção do jornal, notou-se a presença de um grupo formado por indivíduos da escola, militantes do Levante Popular da Juventude e alguns voluntários da campanha, moradores do Boqueirão e do Jardim São Sáverio que reuniam semanalmente para pensar materiais de comunicação, como a produção do Jornal. O desafio era fazer com que o grupo de moradores e voluntários assumisse a frente do processo e produzissem de forma mais autônoma os materiais voltados para ela, sem que houvesse grande intervenção dos militantes dos movimentos e responsáveis da equipe territorial da escola.

A construção do jornal em 2020 (Figura 4), segundo o que consta na memória da ENPF referente a esse ano, se deu no âmbito do grupo mais ampliado da

comunicação da campanha e envolveu as famílias de duas formas: a partir dos grupos de whatsapp, onde as pessoas eram provocadas a escolherem o nome do jornal e sugestões de temas para ele; e na produção de conteúdos, que, uma vez definidos, eram encomendados por alguns moradores (na 1ª edição, por exemplo, uma moradora chamada Zetildes, do Jardim São Savério, fez um texto sobre a história do bairro, e outra moradora chamada Dida, do bairro Boqueirão, escreveu uma receita de cozinha (Escola Nacional Paulo Freire, 2020).

Figura 4 - Jornal Periferia Viva



Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2020

Em 2021, a construção do jornal se deu na elaboração de uma única edição no mês de março, que teve como principal pauta o dia internacional das mulheres, comemorado no dia 8 de março (Figura 5) e um dia popularmente conhecido pelos manifestações realizadas no mundo inteiro pelos movimentos sociais, reivindicando equidade de direitos para as mulheres. Na edição em questão, as mulheres do bairro se envolveram na elaboração e produção dos textos.

Figura 5 - Registro da última edição do Jornal Periferia Viva



Fonte: Walisson Rodrigues, 2021

Essa edição foi a última realizada. Houveram tentativas de produção de uma segunda edição no segundo semestre, mas sem êxito.

A criação de campanha educativa ou a definição da pauta do jornalzinho de uma ONG ou movimento social não são de competência exclusiva do profissional de comunicação. Os assuntos são discutidos coletivamente e, dessa dinâmica, se tiram os encaminhamentos adequados para cada situação. Não é porque alguém domina as técnicas que pode se achar no direito de fazer tudo segundo sua própria percepção. Ou seja, a comunicação, nesse nível, acontece no âmbito mais amplo de atuação dessas organizações – em sua dinâmica interna e externa de conscientização-mobilização-organização-ação – e não de forma isolada e feita por terceiros (Peruzzo, 2013, p. 97 - 98).

Tomando princípio nos conceitos trazidos Peruzzo, aqui é experimentada a construção de uma ferramenta que traz o horizontalismo e a construção coletiva como elementos centrais. Aqui partimos novamente da perspectiva dos sujeitos enquanto protagonistas e destinatários da comunicação a partir de uma perspectiva crítica, emancipatória, cidadã.

A estratégia de comunicação para popularizar o jornal nos bairros foi um dos principais entraves na continuidade do mesmo. A distribuição dos jornais era restrita

às pessoas que recebiam doações de cestas básicas doadas pela campanha de solidariedade. Essa estratégia mostrou ter uma limitação à medida que a distribuição de alimentos reduziu substancialmente de um ano para outro.

Para continuar viável, o jornal necessitava de um grupo maior de militantes envolvidos no trabalho comunitário, para estimular a produção junto aos moradores e também organizar mutirões de entregas nos pontos de alta circulação dos dois bairros, porém, tanto a ENPF quanto o Levante Popular da Juventude possuíam um número de trabalhadores-militantes com dedicação ao trabalho comunitário naquele momento dentro da capital paulista.

Dificuldades em reunir o coletivo da ENPF e voluntários do trabalho comunitário para pensar o planejamento do jornal gerou com a desmobilização em torno da campanha de solidariedade, diversas transições de colaboradores, militantes e voluntários de suas responsabilidades dentro da campanha, apresentou dificuldades em manter-se com uma organicidade, sendo e por conta disso não foi realizada nenhuma edição do jornal.

A experiência chamou atenção na época e chegou a ser tema de matéria jornalística no jornal Brasil de Fato (Figura 6), que narrou um pouco da importância de construir experiências de comunicação popular durante a pandemia. Essas experiências, de acordo com Peruzzo (2013, p.3) são uma necessidade enquanto canais de expressão para mobilização e organização popular para garantir o direito de comunicar na prática.

Figura 6 - Matéria extraída do site Brasil de Fato sobre o jornal Periferia Viva

INÍCIO > COLUNISTAS > PERIFERIA VIVA

COLUMNA

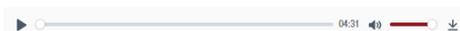
Solidariedade na batalha das ideias



Periferia Viva

17 de Agosto de 2020 às 11:58

Ouçã o áudio:



Fonte: Brasil de Fato, 2020

3.2 O CURSO DE COMUNICAÇÃO POPULAR

No segundo semestre do ano de 2021, foi iniciado o planejamento para um curso de comunicação para os jovens dos bairros da periferia de São Paulo onde o Levante Popular da Juventude tinham algum tipo de inserção, com o intuito de aproximar e capacitar tecnicamente os jovens locais. dando um pontapé numa possibilidade de geração e renda a longo prazo, a partir da iniciação em uma área técnica e profissionalizante. A ideia era envolver os participantes do curso na construção do Jornal Periferia Viva, também possibilitando a expansão do jornal para outros territórios.

Em 2022 foi realizada a primeira turma da Escola Popular de Comunicação (Figura 7), que reuniu jovens entre 16 e 22 anos de 4 periferias da cidade de São Paulo. Eles tiveram acesso a aulas quinzenais, aos sábados, realizadas na ENPF e

que traziam temáticas do audiovisual, design, produção de conteúdo para redes sociais, rádio e podcast, além de debates de questões da atualidade

Figura 7 - Card de divulgação do curso

O card de divulgação do curso 'ESCOLA POPULAR DE COMUNICAÇÃO' apresenta o seguinte conteúdo:

- Logo:** Um ícone de um livro com o texto 'LEVANTE POPULAR'.
- Título:** ESCOLA POPULAR DE COMUNICAÇÃO.
- Início dia:** 23/07.
- O que vai ter no curso?**
 - Redes Sociais e criação de conteúdo
 - Fotografia e edição de Vídeo
 - Criação de artes
 - Podcast e Rádio
 - + Rodas de conversas e debates
- QR Code:** Localizado no canto inferior esquerdo.
- INSCREVA-SE**
 - URL: [HTTPS://BIT.LY/3MR12E8](https://bit.ly/3MR12E8)
 - Endereço: Escola Nacional Paulo Freire, Rua São Daniel, 119 - Ipiranga.
- Imagem:** Ilustração de uma mão segurando uma câmera fotográfica.
- Legenda:** CERTIFICADO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA | INSTA: @ESCOLA.PAULOFREIRE

Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2022

Após algumas tentativas frustradas de retomada do jornal, a construção de um curso técnico que trabalhava com jovens da periferia, apresentando-os ao mundo da comunicação e estimulando-os a serem críticos com as discussões que circulam na mídia comercial, era de despertar o interesse em um comunicador interessado em questões comunitárias.

O curso foi realizado em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo através de um projeto de extensão e batizado como Escola Popular de Comunicação. As primeiras reuniões de planejamento colocaram um desafio: como combinar a concepção pedagógica dos movimentos sociais, que se utilizam dos seus espaços de formação, político e técnico, para a elevação da consciência política, com o ensino das técnicas de fotografia e audiovisual, design, escrita e redes sociais?

Encontrar uma forma de realizar essa equação sem prejuízos foi o tema das reuniões entre a ENPF e os militantes do Levante Popular da Juventude, que

duraram horas. Tratava-se, na verdade, de um curso experimental, que teria sua metodologia construída e ajustada ao decorrer do processo.

No decorrer das primeiras etapas procurou-se construir uma afinidade entre os participantes e apresentar as técnicas (Figura 8) relacionando-as com a realidade e contextos locais como por exemplo, associar a manipulação de cores no processo de edição das fotos com as denúncias massivas em redes sociais de embranquecimento de pessoas negras por conta dos filtros utilizados nas imagens.

Figura 8 - Aula prática de audiovisual



Fonte: Vinícius Braga, 2022

O ápice do curso se deu no dia 3 de setembro de 2022, quando diversos movimentos sociais do Brasil criaram uma agenda chamada “Dia Nacional de Mobilização Contra a Fome e a Sede”. Em São Paulo, algumas das atividades foram capitaneadas pela Campanha de Solidariedade da Escola. Na prática o dia foi uma convergência das iniciativas comunitárias realizadas pela ENPF: 1 - A distribuição de alimentos, 2 - Os Agentes Populares de Alimentação e 3 - O curso de comunicação. Durante aquele dia, os alunos do curso faziam sua atividade prática, que seria

acompanhar os agentes territoriais nos bairros e registrar as doações de alimentos (Figura 9).

Figura 9 - Alunas do curso registrando distribuição de alimentos no bairro Jardim São Savério



Fonte: Vinícius Braga, 2022

A cobertura dessas ações foi realizada pelos alunos do curso de comunicação, que registraram tudo para as redes sociais para a imprensa e no fim os alunos e a equipe responsável se reuniram e fizeram um pequeno debate para colher as impressões individuais. O relato de cada um daqueles jovens foi importante para a sistematização final daquela experiência, pois despertou reflexões subjetivas sobre a ausência de direitos fundamentais à vida para uma grande parcela da sociedade. As semelhanças identificadas pelos alunos com os seus locais de moradia somadas à cobertura fotográfica que denunciou situações de vulnerabilidade mostrou a eles o poder da comunicação como instrumento de denúncia capaz de dar espaço para sujeitos invisibilizados pela sociedade serem vistas e ouvidas.

O curso teve seu encerramento no dia 10 de setembro, com uma cerimônia que contou com a presença dos familiares dos alunos, alguns relataram ter sido a

primeira vez que recebiam um certificado e outros acabaram seguindo como militantes do Levante Popular da Juventude (Figura 10).

Figura 10 - Formatura de encerramento do curso



Fonte: Walisson Rodrigues, 2022

A realização desse curso mostrou uma potência enorme de replicação nos estados, tornando o curso como uma ferramenta pedagógica de comunicação popular dos movimentos sociais. Seu principal desafio agora é o de concentrar as subjetividades do processo educativo percebidas através dos debates durante as aulas, o ensino técnico e combinar tudo numa metodologia sistematizada capaz de ser aprendida e reproduzida em outros estados por mais movimentos sociais.

O processo educativo experimentado ao longo do curso demonstra a materialidade da educação numa perspectiva freiriana, com uma metodologia que combina o aprendizado técnico com a leitura da realidade através do uso da criatividade, repudiando completamente a perspectiva de educação bancária, pois segundo Freire (1975,55) os sistemas educacionais que utilizam essa perspectiva, se constroem de forma que extingue a criatividade, tendo em vista que a mesma se desenvolve na troca de saberes dos sujeitos envolvidos, uns com os outros, no mundo e com o mundo.

3.4 BREVE ANÁLISE DAS INICIATIVAS PEDAGÓGICAS E COMUNICACIONAIS DA ENPF NAS REDES SOCIAIS

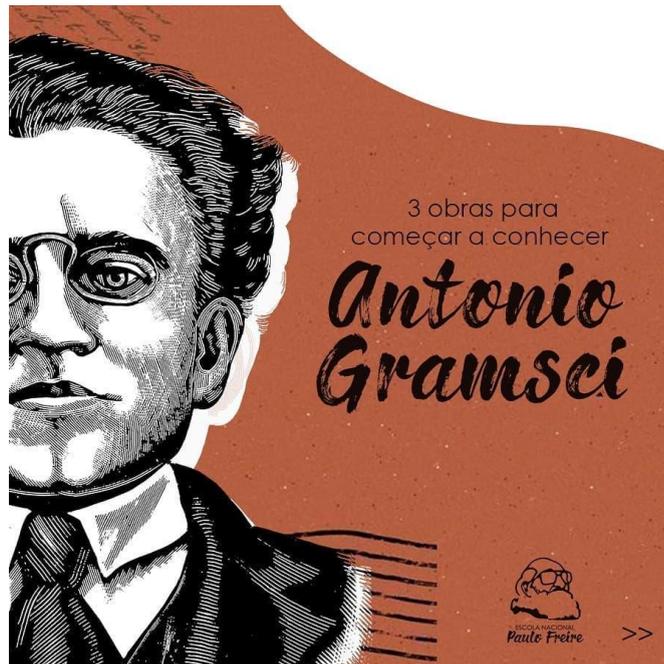
Como visto no capítulo dois, o exercício da comunicação popular, protagonizada pelos movimentos sociais, utiliza-se de espaços como as redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e criação de grupos de conversa para estabelecer um canal de comunicação direto, possibilitando um aumento exponencial na visibilidade de suas ações pela sociedade. Nesse tópico se faz uma análise de quais estratégias de comunicação são utilizadas no processo de criação do plano de comunicação, entendendo o público que deseja ser atingido e os desafios contextuais impostos a um movimento social em uma sociedade de produção capitalista.

As iniciativas da Escola Nacional Paulo Freire no campo da comunicação para divulgar a campanha de solidariedade Periferia Viva passavam pela criação de grupos de whatsapp para compartilhamentos de informações, ações sociais, atividades políticas, cursos de formação entre outras coisas, que ficaram conhecidas como “rádios zap”.

Todas as famílias que participaram da Campanha faziam parte de grupos de whatsapp organizados por território. Neles eram enviados áudios semanais com informações sobre os direitos da comunidade, como acessar políticas públicas emergenciais, além de oferecer informações seguras sobre o coronavírus e a pandemia. Os moradores do bairro envolvidos no trabalho comunitário ajudaram a construir a os áudios, indicando quais os temas mais relevantes e gravando.

As redes sociais da ENPF também possuem um papel pedagógico, sendo uma extensão do trabalho educativo. O perfil no Instagram possui três linhas editoriais principais que alimentam a produção de conteúdo: 1) A primeira é a indicação de obras literárias que auxiliem a entender o pensamento de algum escritor ou pensador (Figura 11). 2) A segunda é chamada de Quero Entender, e traz o contexto histórico de forma didática e sobre eventos históricos e datas importantes (Figura 12). 3) A terceira forma de conteúdo trazida pela escola são os Perfis, e através deles se produzem mini biografias sobre personalidades relevantes (Figura 13).

Figura 11 - Card com dicas de leitura sobre a obra de Gramsci



Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2020

Figura 12 - Card com explicação sobre o Quebra de Xangô



Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2021

Figura 13 - Card da série Perfil sobre Marialice Foracchi



Fonte: Instagram (@escola.paulofreire), 2023

Na primeira figura se tem um material produzido para as redes sociais a fim de organizar um roteiro de leitura sobre a obra de Antonio Gramsci, incentivando a aproximação com o pensamento do filósofo e militante referência no entendimento de conceitos como hegemonia e o perfil dos intelectuais orgânicos, utilizado nesse trabalho. Continuando na segunda figura, observa-se um conteúdo com a contextualização histórica sobre o evento de intolerância religiosa conhecido como Quebra de Xangô, que ocorreu no dia 2 de fevereiro de 1912 na cidade de Maceió, Alagoas. Por fim, a terceira figura traz um perfil sobre a socióloga brasileira Marialice Foracchi, que foi referência nos estudos sobre o conceito de juventude no país.

Nos três exemplos trazidos neste trabalho se tem uma extensão da produção intelectual da ENPF através dos seus núcleos de trabalho. Elas buscam ampliar o interesse nos estudos dos temas apresentados. A atuação da escola no instagram amplia sua capacidade de atingir um público mais amplo simultaneamente as ações realizadas nos bairros de São Paulo, agregando as possibilidades trazidas pelas tecnologias da informação e comunicação.

Na perspectiva de Peruzzo (2013, p. 99) as postagens realizadas pela ENPF em seu perfil no instagram tentam combinar os dois níveis que a autora cita em sua obra, que é a comunicação de caráter mobilizador e a comunicação institucional.

Na primeira, os materiais didático-pedagógicos são necessários para as relações educacionais com seu público e contribuem para a mudança social. Ao mesmo tempo, ela busca construir uma identidade ideológico-política a fim de apresentar à sociedade sua leitura do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foi realizado um apanhado histórico sobre os movimentos sociais no Brasil e seu papel em busca do protagonismo nas formas de disputa política na sociedade, também aprofundando na relação dos mesmos com a educação como ferramenta de conscientização política. O trabalho também apontou como a obra de Paulo Freire inspira a concepção de educação adotada pelos movimentos sociais, que é identificada como educação popular. A conclusão do primeiro capítulo expôs como ao longo do tempo a prática da educação popular foi sistematizada em um método denominado trabalho de base, que é uma ferramenta a serviço da luta política e ideológica.

Assim sendo, também explora-se a importância do fortalecimento da comunicação de caráter popular na propagação das ações desenvolvidas pelos movimentos sociais para reivindicar melhorias estruturais nos mais diversos nichos da sociedade civil. Com enfoque nos movimentos sociais, destacamos essa comunicação popular como um elemento central na disputa de ideias e narrativas diante das perspectivas neoliberais da mídia burguesa.

Também apresenta-se a necessidade de abordar a comunicação como um direito, ampliando o acesso a espaços e técnicas, potencializada com o advento das novas tecnologias digitais. Se tem em vista que, o direito à comunicação se faz necessário para ampliar a expressão de opiniões, o acesso a informações e a participação ativa no debate público. Por fim, constrói-se uma relação da comunicação com a obra de Paulo Freire, na qual explica-se que ela possui um papel fundamental na formação da consciência e na transformação social.

Para obter um resultado a respeito das questões apontadas na introdução, foi preciso realizar uma análise qualitativa através da técnica de observação participante, além da análise documental. As experiências da ENPF, comprovam a importância da dimensão pedagógica dos processos educativos pensados por movimentos sociais. Como coloca Regina César (1999):

Consideramos que o alicerce do trabalho comunitário é a participação comprometida do profissional com seus públicos, seja em uma comunidade, seja numa empresa. Não se trata, então, de novas técnicas, mas de uma mudança de postura profissional. É contemplar a realidade numa nova ótica, onde o ser social é, antes de tudo, ser humano e busca sua dignidade (CÉSAR, 1999, p.111).

Com o estudo de caso verificou-se que a Escola Nacional Paulo Freire é uma experiência inovadora e com muito para acrescentar aos movimentos sociais no que diz respeito a construir processos de educação popular associados ao trabalho comunitário com o intuito de elevar a consciência crítica dos sujeitos, e a médio e longo prazo, formar intelectuais orgânicos para contribuir com novas sistematizações a favor da classe trabalhadora.

As iniciativas observadas durante o processo demonstraram uma concepção pedagógica baseada na obra de Paulo Freire e que ainda vem sendo aprimorada, de maneira que, todas elas apresentaram limitações e potencialidades.

No que diz respeito às iniciativas no campo da comunicação popular, pode-se averiguar, primeiramente no que diz respeito ao jornal periferia viva, que o mesmo foi uma ferramenta importante de memória institucional e que ajudou a aproximar pessoas através da escrita, despertando nelas a curiosidade e também o gosto pela informação, porém, apresentou dificuldades para torna-se um jornal acessível e replicável, com referência na comunidade, o que demonstrou uma falta de planejamento de comunicação e um corpo reduzido de pessoas atuando no território a fim de garantir essa ampliação do alcance.

A respeito do curso de comunicação popular, comprovou-se que a segmentação voltada para o público jovem e o ensino de técnicas que dialogam com o dia-a-dia da juventude dos dias atuais, imersa na lógica da produção de conteúdo, facilitou o interesse pela iniciativa, o que, conseqüentemente, mais se aproximou dos objetivos iniciais da ENPF, combinando formação técnica e política.

Desta maneira, apesar da forma experimental, essa iniciativa coloca perspectivas de continuidade a fim de transformar-se em um formato capaz de ser replicado em outros contextos geográficos, com suas próprias especificidades e tentando manter o objetivo de formar, indignar e organizar em pró de uma causa.

Por fim, o estudo alcança o seu objetivo de compreender o funcionamento da escola e se ela é capaz de ser um modelo para outros movimentos sociais no Brasil e em outros países. Entretanto, também se coloca como um novo desafio para o futuro a maior compreensão de outros modelos de escolas vinculadas a outros movimentos sociais, entender o funcionamento interno delas, principalmente no campo da cultura organizacional e comparar os resultados entendendo os fatores limitantes e potencializadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. T. de S. **Para entender relações públicas**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1983.

BOURDIEU, P. **Le capital social**: notes provisoires. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n. 31, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 318)

BRAGA, V. **Agentes Populares de Alimentação (Na foto, Angelita e Vera)**, 2021. 1 fotografia. w

BRAGA, V. **Aula prática de audiovisual**, 2022. 1 fotografia.

BRAGA, V. **Alunas do curso registrando distribuição de alimentos no bairro Jardim São Savério**, 2022. 1 fotografia.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2017.

CALEGARE, M. G. A.; SILVA JUNIOR, N. A “construção” do Terceiro Setor no Brasil: da questão social à organizacional. **Psicologia Política**, v. 9, n. 17, p. 129-148, jan./jun. 2009.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA VERGUEIRO. :: Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro :: Disponível em: <<https://www.cpvsp.org.br/cpv.php>>. Acesso em: 23 out. 2023.

CÉSAR, R. C. E. As Relações Públicas frente ao desenvolvimento comunitário. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, UMESP, n. 32. p. 89-112, 1999.

CÉSAR, R. C. E. Movimentos sociais, comunidades e cidadania. *In*: KUNSCH, M. M. K.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Relações Públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007, p. 78-91.

CLARO, M. **UNILABOR: desenho industrial, arte moderna e autogestão operária**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DA JUVENTUDE., L. P. Levante Popular da Juventude. Disponível em: <<https://levante.org.br/>>. Acesso em: 23 out. 2023.

DALMAGRO, S. L. MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO FECUNDA. **Revista Trabalho Necessário**, v. 14, n. 25, 22 dez. 2016.

DEMO, P. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1998.

DE FATO, Brasil. **Matéria extraída do site Brasil de Fato sobre o jornal Periferia Viva**, 2020. 1 imagem. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/17/solidariedade-na-batalha-das-ideias>. Acesso em: 25 out. 2023.

DE SOUZA, L. K. B. Uma perspectiva crítica sobre o terceiro setor. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 18, n. 3, p. 85 - 93, 27 fev. 2019.

DOMINICANOS. História da Ordem dos Dominicanos. Disponível em: <<http://dominicanasdemonteils.org.br/site457/congregacao.php>>. Acesso em: 23 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Agentes Populares de Saúde**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEAhNvtH23H/?>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Card de divulgação do curso**. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgPQoeULFaC/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Card com dicas de leitura sobre a obra de Gramsci.** 2022. 1 imagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGk-mYRngIK/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Card com explicação sobre o Quebra de Xangô.** 2022. 1 imagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLUNdQkHWm1/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Card da série Perfil sobre Marialice Foracchi.** 2022. 1 imagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxQOtXQtmKI/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Memória 2020**, Não Publicado.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Projeto Político Pedagógico.** São Paulo. 2020.

ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Memória 2021**, Não Publicado.

FERREIRA, F. W. **Planejamento sim e não.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONTES, V. **O Brasil e o Capital-Imperialismo: Teoria e História.** 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz e Edit. UFRJ, 2010.

FRASER, M. T. D. & GONDIM, S. M. G. (2004). Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa. **Revista Paidéia**, 14(28), 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 65. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GANDOLFI, G. Distribuição de alimentos da campanha de solidariedade Periferia Viva, na ENPF. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/chrisnaton/34880385211/>. Acesso em: 25 out. 2023.

GOHN, M. G Movimentos Sociais e Educação, 8ª ed., São Paulo, Cortes, 2012

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GRAMSCI, A. Quaderni del carcere. Turim: Einaudi, 1975.

HENRIQUES, M. S. *et al.* Relações Públicas em projetos de mobilização social: funções e características. *In:* HENRIQUES, M. S. (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 17-32.

INTERVOZES. Intervozes e Repórteres sem Fronteiras lançam novo site sobre concentração na mídia latino-americana. Disponível em: <https://intervozes.org.br/intervozes-e-reporteres-sem-fronteiras-lancam-novo-estudo-sobre-concentracao-nos-meios-de-comunicacao/>. Acesso em: 23 out. 2023.

KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

LANDIM, L. As ONGs são Terceiro Setor?. *In:* HANS-JÜGEN F. (Org.). **ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudança**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003, p. 107-133.

LÓPEZ, J. C. J. Advocacy: uma estratégia de comunicação pública. *In:* KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. Série Pensamento e Prática, v.4. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011, p. 61-80.

MARTINS, D. *et al.* Paulo Freire e a nossa Escola: memória e a atualidade do seu pensamento. **Revista Estudos do Sul Global**, n. 2, v. 1, 2021, p.421-443.

MONTAÑO, C. **Terceiro Setor e questão social**. Crítica ao padrão emergente de intervenção social. 6 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2010.

M.KROHLING PERUZZO, C. Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na Era Digital: Entre Utopias Freireanas e Distopias. *Media & Jornalismo*, [S. l.], v. 23, n. 42, p. 23-38, 2023. DOI: 10.14195/2183-5462_42_1. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/12200>. Acesso em: 26 out. 2023.

OLIVEIRA, E. A.; GODOI-DE-SOUSA, E. O terceiro setor no Brasil: avanços, retrocessos e desafios para as organizações sociais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 4, n. 3, p. 181-199, 2015.

PELOSO, R. (org.). Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PERUZZO, C. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2009.

PERUZZO, C. M. K. Fundamentos teóricos das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no terceiro setor: perspectiva alternativa. **Revista FAMECOS**, v. 20, n. 1, p. 89-107, 23 mai. 2013.

PERUZZO, C.M.K. . A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano. *Diálogos de la Comunicación* , v. 82, p. 1-7, 2010.

PERUZZO, C. M. K. Relações Públicas, Movimentos Populares e Transformação Social. **Revista Brasileira de Comunicação**, v. XVI, n. 2, p.125- 133, 1993. São Paulo: Intercom. Versão revista e ampliada do texto “Relações públicas nos movimentos populares” publicado na Revista Brasileira de Comunicação, n. 60, p.107-112, 1989.

RODRIGUES, W. **Formatura de encerramento do curso**, 2022. 1 fotografia.

RODRIGUES, W. **Registro da última edição do Jornal Periferia Viva**, 2021. 1 fotografia.

SOUZA, E. G. A prática pedagógica educacional como estímulo ao diálogo da comunidade escolar e protagonismo juvenil, **Anais eletrônicos do IV Congresso**

Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma, 2021, ISSN - 2446-547X

STÉDILE, J.; HILARIO, E.; FUSER, I. Escola Nacional Florestan Fernandes: seja um associado. Brasil de Fato. 19/07/2013. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/13666>. Acesso em: 07 jul. 2014.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. História. Disponível em: <https://www.une.org.br/memoria/historia/>. Acesso em: 23 out. 2023.

VIA CAMPESINA, Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude. Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social. Mimeo, 2007.

VIVA, C. P. Solidariedade na batalha das ideias. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/17/solidariedade-na-batalha-das-ideias>. Acesso em: 22 out. 2023.